Evangelhos indicam isso pelo fato de que narram o milagre da “multiplicação dos pães” seis vezes. E a ordem de Jesus a seus discípulos não abre espaço para mal-entendidos: Dai-lhes vós mesmos de comer! (Mc 6,37).

Além do mais, pertencemos a um Centro Universitário e a uma Pontifícia Faculdade de Teologia que carregam o nome de Nossa Senhora da Assunção. É um nome que traz grande responsabilidade, pois o evangelista Lucas atribui a Maria a “esperança” de cobrir os fiambres de bens (Lc 1,53).

Neste sentido, deixo a todos os leitores da Revista de Cultura Teológica que 2003 seja um ano cheio de “esperança” e que os estudos aqui publicados correspondam cada vez mais às grandes “esperanças” da nossa fé.

Dr. Matthias Grenzer
Redator

OS PILARES DA AÇÃO EVANGELIZADORA E PASTORAL

Dom Benedito Beni dos Santos

Todo plano de pastoral precisa ter, como fonte de inspiração, um referencial teórico-teológico. No início deste milênio, existem dois componentes obrigatórios deste referencial: a carta apostólica Novo Milênio Ineunte, no âmbito da Igreja universal, e a exortação apostólica Ecclesia in America, em nível de Igreja presente entre nós. Ambos os documentos, porém, estão em continuidade com a carta apostólica Evangelii Nuntiandi, publicada por Paulo VI em 1975; talvez o mais importante texto do magistério pontifício no século XX. Estes três documentos estão intimamente relacionados entre si. Formam, de certo modo, um todo.

Os três se inserem na tradição teológica do Vaticano II. O Concílio apresenta o modelo de Igreja concebida como comunhão: povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A Trindade constitui o mistério da Igreja e, ao mesmo tempo, o paradigma de sua organização. O Concílio apresenta, como perspectiva, não uma Igreja fechada sobre si mesma, mas uma Igreja em relação. Antes de tudo, em relação a Trindade, seu modelo e paradigma. Em relação com o mundo, a fim de servir-o, em vista da salvação em Jesus Cristo. Uma Igreja em relação com as outras Igrejas e Comunidades cristãs. Em relação com as outras religiões. Sobretudo, uma Igreja em relação com a missão. O ser da Igreja é, pois, relacional.

Os três documentos pertencem ao novo milênio. Embora cronologicamente estejamos no início do terceiro milênio, culturalmente já entramos nele há algum tempo. Fatos acontecidos nas últimas décadas do século XX colocaram o mundo no novo milênio. A título de exemplo, podemos citar o desenvolvimento da automatização e comunicação; o progresso da engenharia genética que, a cada dia, nos surpreende; fatos de natureza política como o quase desaparecimento do socialismo histórico. Eclesialmente, a Igreja já entrou no terceiro milênio há quarenta anos. O Concílio Ecumênico Vaticano II projetou a Igreja no terceiro milênio. Neste milênio, a Igreja gastará muito tempo
e fará muito esforço para realizar o projeto eclesiológico do Vaticano II, não só no que se refere ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, mas a tantos outros pontos.

Os três documentos prepararam a Igreja para cumprir a sua missão no novo milênio. Na Evangelii Nuntiandi, Paulo VI, seguindo a perspectiva do Vaticano II, mostra que a Igreja existe em vista da evangelização. A Bova- Nova, que a Igreja anuncia, são a pessoa de Jesus Cristo e a sua Palavra: Jesus Cristo, o Ressuscitado. Portanto, aquele que possui uma originalidade com relação a todos os fundadores de religião. Eles todos estão encerrados no passado. Seus túmulos estão fechados. O único túmulo, que permanece aberto desde a madrugada do domingo de Páscoa, é o de Cristo. Ele é o Ressuscitado. Alguém sempre atual. Alguém que exerce o seu poder salvífico na Igreja e na humanidade. É o único mediador da salvação. Como ensina a Carta aos Hebreus, pela sua ressurreição Ele penetrou no santuário celestial para apresentar ao Pai o seu Sacrificio. Esta oferta eterna de Cristo ao Pai é a fonte de reconciliação, de salvação para toda a humanidade.

A exortação apostólica Ecclesia in America prossegue e aprofunda a reflexão sobre o Cristo vivo e dela tira, para a Igreja presente na América, consequências de natureza pastoral. Insiste que a missão de evangelizar nasce do encontro com o Cristo vivo. Este encontro é fonte de conversão individual e social. É fonte de comunhão eclesial em todos os níveis. O encontro com o Cristo vivo é fonte de solidariedade, da Igreja com o mundo, em vista da superação dos pecados que hoje clamam ao céu. “O tráfico de drogas, a lavagem de lucros ilícitos, a corrupção em qualquer ambiente, o terror da violência, a corrida armamentista, a discriminação racial, as desigualdades entre os grupos sociais, a destruição irracional da natureza” (n.56). Solidariedade que deve ser globalizada, estendendo-se, por isso mesmo, aos pobres, aos indígenas, aos americanos de origem africana, aos imigrantes.

Esta ação pastoral e evangelizadora da Igreja, que nasce do encontro com o Cristo vivo presente na Eucaristia, na Palavra, nos irmãos, precisa de um fundamento. Este nos é indicado em quatro pilares, apresentados pela Novo Millennio Ineunte.

Na conclusão do Grande Jubileu da Encarnação, João Paulo II assinou, na basílica de São Pedro, a sua carta apostólica Novo Millennio Ineunte. A meu ver, a importância dessa carta só é comparável à da Evangelii Nuntiandi, talvez o mais importante documento da Igreja no século XX. Ela está destinada a exercer na Igreja, que inicia o novo milênio, a mesma influência da Evangelii Nuntiandi nas últimas décadas.

Nesta nova carta, o Papa faz uma leitura espiritual e pastoral da experiência do Jubileu. E, a partir das energias espirituais e do impulso pastoral que o Jubileu despertou na Igreja, ele procura traçar não só uma orientação para o futuro da Igreja, mas também um programa de ação evangelizadora e pastoral. A Novo Millennio Ineunte faz com que o Jubileu não seja um fato encerrado no passado. Seja, isso sim, um motor que impele a Igreja para o futuro. Torna o Jubileu um “ícone” do futuro da Igreja. Um teólogo denominou a Novo Millennio Ineunte a carta constitucional dos crentes no novo milênio. Em poucas palavras, nesta carta, o Papa coloca os pilares da ação evangelizadora e pastoral da Igreja no novo milênio. Os pilares são os seguintes: a contemplação do rosto de Cristo, o primado da graça, a arte da oração e a espiritualidade de comunhão.

1. A CONTEMPLAÇÃO DO ROSTO DE CRISTO

Ela não é só o primeiro pólo, mas também o ponto de partida. O ponto constante de referência para a Igreja, impulsionada pelo Espírito, a remem mar adentro.

A contemplação do rosto de Cristo leva à descoberta do seu mistério. Por isso mesmo, só é possível pela ação da graça1. Na realidade, toda a história da salvação é uma revelação progressiva do rosto de Deus. Revelação e procura, ao mesmo tempo. Por isso, o salmista exclama: “É a vossa face, Senhor, que eu procuro”2. A Antiga Aliança, porém, está baseada mais

---

1 Carta apostólica Novo Millennio Ineunte, n° 20.
2 Sl 27,8.

Contemplar o seu rosto é também aceitar a sua centralidade. Usando uma categoria da teologia de S. Paulo, recapitular tudo em Cristo, realizando assim a salvação no sentido mais amplo da palavra. Salvação da humanidade e do mundo construído pelo ser humano: a família, o trabalho, a política, a economia, a ciência, a técnica, a mídia, o projeto de vida de cada povo. Não existe um só fragmento da realidade indiferente a Cristo, fora do âmbito de sua centralidade.

O magistério da Igreja tem recordado sempre que a fé cristã não confere competência de caráter técnico e científico. É verdade! Mas é verdade, também, que ela confere uma competência mais profunda e igualmente necessária: a competência ética. Considerar todo, inclusive a ciência e a técnica, em vista do bem integral do ser humano, concebido de acordo com o plano de Deus. Considerar tudo em relação com a dignidade da pessoa, criatura e, ao mesmo tempo, imagem de Deus. Considerar tudo em vista da dimensão transcendente do destino humano: a comunhão com a Trindade.

Coerentemente, a carta do Santo Padre adverte que o cristão, pelo fato de estar destinado a um fim transcendente, não se afasta da temporalidade.

Não a abandona. Adverte ainda com relação a uma espiritualidade intimista e individualista. Ela dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação. Em última análise, com a própria tensão escatológica.

Em nossa época, marcada pelo secularismo e pelo pluralismo religioso, alguns argumentam que a visão da realidade a partir da centralidade de Cristo seria imposição de uma determinada perspectiva aos não crímenes e aos membros de outras religiões. O receio não procede, pois a fé cristã interpreta e defende os valores emraizados na própria natureza humana. Ainda mais: a razão humana não é infinita. Incore freqüentemente em erro. Nesse sentido, a fé cristã lhe presta um serviço, ajuda-a a livrar-se desse perigo.

Na mensagem para o Dia Mundial das Missões do ano passado, o Papa recorda que “a contemplação do semblante do Senhor suscita nos seus discípulos a ‘contemplação’ também dos semblantes dos homens e das mulheres de hoje: o Senhor, com efeito, identifica-se com o menor dos seus irmãos”.

A cristologia delineada pelo Papa a partir da contemplação do rosto de Cristo é uma cristologia espiritual. É a cristologia de que precisamos neste novo milênio.

2. PRIMADO DA GRAÇA

O segundo pilar da ação evangelizadora e da pastoral da Igreja é o primado da graça. Trata-se, segundo o Papa, de um princípio essencial da visão cristã da vida.

Primado da graça significa que Deus é o primeiro agente, o primeiro trabalhador. Nós somos apenas seus colaboradores, inclusive na evangelização e na ação pastoral. Daí provêm diversas consequências no campo prático:

1 Jo 14,9.
2 Cf. Jo 1,1.
3 CF CE 1,15.

b) Os resultados da ação pastoral não dependem, antes de tudo, da nossa capacidade de programar, de elaborar projetos, de agir. Não dependem de nossas estatísticas. Sem a ação da graça, podemos produzir muitos papéis, mas nenhum efeito prático.

c) Somos colaboradores. Nossa colaboração não é algo paralelo à ação da graça. A graça envolve a nossa colaboração, isto é, o investimento de todos os nossos recursos de inteligência e de ação. Na realidade, é a graça que possibilita a nossa colaboração. Na oração da coleta do vigésimo oitavo domingo do Tempo Comum, rezamos: “Ó Deus, sempre nos precede e acompanhe a vossa graça, para que estejamos sempre atentos ao bem que devozmos fazer”.


A carta apostólica de João Paulo II recorda e nos leva a valorizar os canais da graça: a escuta da Palavra, a oração e os sacramentos, sobretudo o sacramento da Reconciliação e Eucaristia.

3. ARTE DA ORAÇÃO

O terceiro pilar é a arte da oração. Na terceira parte da Novo Millennio Ineunte, o Papa dirige a toda a Igreja um insísteente convite à santidade. Na sequência deste convite, ele se refere a um cristianismo que deve brilhar pelo dom e pela arte da oração. As comunidades cristãs, prossegue João Paulo II, deverão tornar-se escolas de oração.


A oração foi também a fonte de onde Jesus tirou a força para o seu agir e para suas decisões. Todas as grandes decisões de Jesus foram precedidas pela oração, às vezes, por noites inteiras de oração. Foi também na oração que ele encontrou força para entregar-se totalmente ao projeto do Pai, até consumir sua obra na cruz.

O Catecismo da Igreja Católica fala da oração como dom, aliança e comunhão. O Papa acrescenta uma nova categoria, ao mesmo tempo teológica e pedagógica: a arte da oração.

9 Cf. idem, n° 38.
10 Cf. Jn 4,11.
11 Cf. Novo Millennio Ineunte, n° 32.
12 Cf. Catecismo da Igreja Católica, n°s 2559-2565.
A oração é dom, pois o seu artefice primeiro e supremo é o Espírito Santo. É Ele quem desperta em nós o desejo de orar. Ele conduz o nosso colóquio com Deus, modelando os nossos pensamentos e afetos. Ele faz com que a nossa oração seja uma comunhão amorosa com o Pai.


A oração, enquanto arte, deve ser aprendida. É necessário, pois, esforço, luta contínua para levar uma vida de oração.


A oração tem, em segundo lugar, uma dimensão antropológica. Ela não só molda a comunidade orante. Molda também a vida de cada membro da comunidade.

A carta apostólica se refere também a dimensão litúrgica da oração. A liturgia é um "sacrum commercium": diálogo de palavras e ações entre Deus e o seu povo. Como ensina o Vaticano II, ela é a fonte e o cumde toda a vida eclesial. Qualquer atividade eclesial que não for alimentada pela vida litúrgica perde a sua identidade.

4. ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO

O quarto pilar é aquilo que, com muita propriedade, João Paulo II denomina "espiritualidade de comunhão". Eis o desafio que lança à Igreja que está iniciando o novo milênio: “tornar-se uma casa e uma escola de comunhão”

Para isso, são necessários os instrumentos de comunhão. Alguns já existem. Foram criados ou sugeridos pelo Concílio Ecumênico Vaticano II. Mas, para que esses instrumentos atinjam seu objetivo, o pressuposto é a espiritualidade de comunhão. Sem ela, esses instrumentos seriam semelhantes

13 Cf. Rm 8,26.
14 Cf. Novo Milenio Ineunte nº 42.
15 Cf. ibidem nº 43.
16 Ibid.
a corpos sem alma. A espiritualidade de comunhão tem um duplo fundamento, indicado pela carta apostólica: a Trindade e a Igreja como Corpo Místico de Cristo.

Ao definir a Igreja como povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o Vaticano II mostrou que o mistério da Igreja se encontra na sua relação com a Trindade. Mais ainda: mostrou que a pericôrese trinitária é o paradigma da Igreja. A pericôrese designa a compenetrção das pessoas divinas: uma está presente na outra, sem se confundir. A pessoa, de fato, é um dado inconfundível. Pericôrese significa que a identidade de cada pessoa divina se encontra na relação com a outra. Significa que, quando uma pessoa age, as outras estão ativamente presentes. Todo ato salífico envolve as três pessoas divinas. Significa ainda que, na Trindade, tudo é comum: a divindade, a eternidade, o poder, a beleza. A espiritualidade de comunhão leva, pois, a olhar para cada membro da Igreja como um reflexo da Trindade. Leva a descobrir que a identidade eclesial de cada um se encontra na relação com o outro. Ninguém, isoladamente, é Igreja.

O outro fundamento da espiritualidade de comunhão é a realidade da Igreja, “corpo místico de Cristo”. Cristo não é só o fundador da Igreja. É também seu redentor e princípio de vida. A Igreja, enquanto seu corpo, está misteriosamente ligada a Ele. Mas, em Cristo, todos os membros da Igreja estão articulados entre si pela comunhão, pelo amor, pelos carismas, pela missão.

A Novo Millennio Ineunte tira diversas consequências práticas da espiritualidade de comunhão. Em primeiro lugar, ela cria espaço para o irmão, evitando as tentações egoístas que geram competição, suspeitas, ciúmes, arrivismos17. Leva a olhar o que existe de positivo no outro. Leva a descobrir no outro, antes de tudo, o depositário dos dons divinos para a comunidade e para mim. A espiritualidade de comunhão confere até mesmo uma alma ao dado institucional. Permite a todos os membros do Povo de Deus exercerem a própria responsabilidade.

17 Cf. idem, n° 43.

A espiritualidade de comunhão tem também um desdobramento no campo do ecumenismo. Poderá lhe dar não só um novo impulso, mas também levar todas as Igrejas a descobrir que, na busca da unidade plena, os carismas de cada uma, as espiritualidades e as tradições litúrgicas serão integradas na grande comunhão.

Para terminar, recordo que é na Eucaristia que a Igreja realiza plenamente a sua essência de mistério de comunhão. Na Eucaristia, a espiritualidade de comunhão adquire uma moldura de mística nupcial. É nela que a Igreja, segundo a doutrina de S. Paulo, toma-se em plenitude o Corpo de Cristo18.


CONCLUSÃO

A partir dos textos referidos, quero recordar um tema que deve estar presente em todo plano de ação pastoral e evangelizadora: o desenvolvimento da consciência missionária de nossas comunidades.

18 Cf. 1Cor 10,17.

Dom Benedito Beni dos Santos é Doutor em Teologia Dogmática e bispo- auxiliar da Arquidiocese de São Paulo.

SER OU NÃO SER ÉTICO, EIS A QUESTÃO
ÉTICA COMUNITÁRIA E RESGATE DA CIDADANIA

Pe Dr Edelcio Serafim Ottaviani

To be or not to be,
That is the question!
(Shakespeare, W: Hamlet)

Questão clássica introduzindo a trama do terceiro ato de Hamlet, muitas vezes banalizada pela sátira sagaz dos humoristas, tornar-se-á, entretanto, a motivação se não o paradigma de uma reflexão sobre a razão de ser da ética e o seu papel fundamental no resgate da cidadania em meio aos desafios da sociedade contemporânea.

No Brasil, particularmente nos círculos acadêmicos, tem-se falado muito sobre o sentido e o resgate da cidadania. Mais do que nunca, conferências, debates e até mesmo os currículos universitários têm procurado despertar, naqueles que têm acesso direto às massas, a necessidade de conscientiza-las dos deveres e direitos do cidadão, sobretudo dos seus direitos, pois é cada vez maior o número de empobrecidos que sofrem com a grave desigualdade econômica mundial.

Em 1997, o último relatório da ONU referente ao estudo do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) afirmou que o número de pobres no mundo triplicou, enquanto o de ricos dobrou. Segundo esse relatório, em 1947, o planeta tinha uma população de cerca de 2,3 bilhões de pessoas, e o número de pobres (400 milhões) correspondia a 17,4% da população. Em 1997, os 1,3 bilhão de pobres computados correspondem a 22,8% da população mundial (cerca de 5,7 bilhões).\(^1\)